

BOLETIM INFORMATIVO Nº 2

Junho de 2013



AULP
EX UNITATE VIS

Associação das Universidades de Língua Portuguesa

E DITORIAL



Caros leitores,

Chega às vossas mãos a segunda edição da Newsletter da AULP. Começaria por agradecer a todos pelos valiosos comentários à edição anterior. Igualmente, um voto de gratidão para aqueles que, de forma direta e indireta, sugeriram propostas com o intuito de melhorar o *design* e os conteúdos programáticos. Afinal, este é um veículo que a todos serve, representa e unifica. O agradecimento se estende, analogamente, para todos os colaboradores pela disponibilidade e partilha de vivências e conhecimento.

Estamos, pois, convictos de que esta *newsletter* veio para ficar. O objetivo imediato será de abarcar mais conteúdos e dar a conhecer a realidade de cada um dos membros associados da AULP. Queremos, por intermédio deste instrumento, mostrar

as instituições de ensino superior de Angola e Cabo Verde, do Brasil e Guiné-Bissau, de São Tomé e Príncipe, de Macau, de Moçambique e Portugal, bem como os seus talentos, os cientistas e os projetos conjuntos já estabelecidos ou em vias de implementação.

O sítio da AULP e as redes sociais, sobretudo, continuam sendo, extensivamente, visitados por centenas de milhares de internautas. A AULP desperta cada vez mais o interesse de cientistas da América do Norte, da Austrália, Nova Zelândia e de vários países da Europa. Esse interesse aumenta particularmente e ainda mais agora, com a realização da XXIII Conferência Anual da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, AULP, que decorre este ano sob o tema "Cooperação e desenvolvimento nos países de língua portuguesa: O papel das universidades", na cidade brasileira de Belo Horizonte, em Minas Gerais. A temática desta conferência está, desde o primórdio, patente nos objetivos e ideias não só da AULP, mas sobretudo, na carta da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, CPLP, que em Maio, celebrou mais uma vez a língua portuguesa e a cultura no seio dos seus países.



Com efeito, espera-se receber cerca de 500 convidados de diferentes universidades e de países de expressão portuguesa em Minas Gerais. A Conferência Anual da AULP já se converteu, sem dúvida, no maior evento que, ano após ano, envolve centenas de instituições de ensino superior. Porém, estamos cientes que não é e nunca será a grandeza do evento o que mais conta. Nos move o sentimento de aglutinar todas estas instituições para que elas participem no esforço continuado de gerar desenvolvimento e bem-estar, mesmo quando a situação económica se apresenta adversa. Pretendemos que se estabeleçam redes e parcerias duradouras de cooperação com as IES num papel primordial. As IES precisam consolidar, continuamente, através destes encontros, os ganhos políticos, económicos, culturais e académicos, já vivenciados e testemunhados.

Os países da CPLP experimentam processos distintos, quer sob ponto de vista económico, quer em relação aos estágios das suas IES. Alguns países trilham ainda esforços para estabelecer instituições credíveis e fortes que permitam e facilitem a formação de capital humano internamente. Por outro lado, outros países enveredam por processos de massificação e criação de oportunidades de formação em diferentes níveis. Países como Brasil e Portugal, com sistemas de ensino superior consolidados, procuram seu espaço no processo de internacionalização e no ranking internacional das IES. Para uns ou para outros casos, os desafios continuam sendo basicamente o mesmo: Formar capital humano competente e apto para imprimir mudanças e liderança no processo produtivo e na geração de riqueza. Igualmente, cada uma das nossas IES terá de centralizar sua energia e habilidades no apoio às instituições congêneres, através de projetos de mobilidade, investigação e formação docente.

Esta complexidade e multiplicidade de ações fazem da AULP uma associação única e diversificada, com vastas oportunidades e com um potencial inigualável. Com maiores ou menores recursos envolvidos, testemunhamos a mobilidade discente e

docente e a internacionalização das nossas IES, como o denominador comum e que merecem absoluto realce e destaque. Afinal, como espaço, a AULP se insere num mundo global e em constante mudança. Essas são as tendências atuais das quais jamais poderemos estar alheios.

As instituições membros da AULP, com o apoio de diversos parceiros, em particular a CAPES, almejam consolidar os passos já iniciados no âmbito da mobilidade e dos projetos estruturantes. Só com um profundo conhecimento de cada uma das nossas realidades, estaremos aptos a contribuir na melhoria do desempenho e na afirmação económica, política e cultural dos nossos países. Portanto, a mobilidade discente e docente será fundamental para a consolidação do desenvolvimento social, económico e humano que os nossos países almejam.

Para este XXIII Encontro da AULP, de Belo Horizonte, Minas Gerais, foi sugerida uma temática ampla, porém correlacionada. Assim, discutir-se-ão temas como processos de inclusão e avaliação do ensino superior, impacto académicos dos intercâmbios internacionais e suas formas de financiamento, montagem de projetos de pesquisa e pós-graduação conjuntos e finalmente, parcerias internacionais em projetos de extensão económica. Estes temas serão apresentados em diferentes sessões e mesas redondas, por reitores, investigadores, pesquisadores e outros Académicos.

Durante os três (3) dias de sessão a expectativa será de se criar um diálogo produtivo e consolidado sobre a promoção das novas formas de cooperação entre as diversas instituições de ensino superior, e a participação das IES nos modelos de desenvolvimento que se pretendem para os países e povos da CPLP. Esta será uma oportunidade para analisar e avaliar a interação entre o conhecimento científico e a tecnologia, as empresas e grandes projetos económicos, o conhecimento tradicional e as outras formas de conhecimento, para que, juntas, propiciem a aproximação dos países e povos, no relançamento da paz, segurança alimentar, bem-estar social,

desenvolvimento, prosperidade e um novo modelo de solidariedade.

A temática Segurança Alimentar, em particular, será destaque na revista que a AULP edita todos os anos. A CPLP dedicou o biênio 2012-2014 como o período em que todos os estados membros deveriam repensar suas estratégias em relação a segurança alimentar e nutricional. Esta agenda está em consonância com os objetivos do milênio. Na realidade, com apreensão, notamos que alguns dos países da CPLP ainda apresentam níveis alarmantes de má nutrição e de carências alimentares agudas. Por conseguinte, a AULP deverá auxiliar esta temática através de pesquisas e propostas de ação das políticas públicas. Assim, a revista sobre Segurança Alimentar constitui um elemento de referência para eventuais futuras políticas públicas nos países da CPLP,

pois apresenta um quadro da realidade de cada um dos países pesquisados. Muito mais que um levantamento, esta revista tem o condão de apresentar alternativas e soluções.

Por último, aproveitaria para agradecer ao Brasil e ao povo brasileiro pela disponibilidade e acolhimento. Muito nos honra a hospitalidade da cidade de Belo Horizonte. A Universidade Federal de Minas Gerais, a UFMG, que aceitou, gentilmente, organizar a XXIII Conferência Anual da AULP, um agradecimento sem limites. A UFMG e Belo Horizonte engrandecem o sonho de construção de sociedades mais justas, equitativas e de progresso social. Todos nós, sem reservas, rendemos uma justa homenagem ao povo mineiro pela fraternidade e solidariedade.

Jorge Ferrão, Presidente da AULP

D ESTAQUES

XXIII ENCONTRO DA AULP



"Cooperação e desenvolvimento nos países de língua portuguesa: o papel das universidades" é o tema principal do XXIII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), que decorre de 9 a 11 de junho, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, no Brasil.

No encontro serão debatidas questões de grande relevância para as universidades: os processos de inclusão e de avaliação do ensino superior, os impactos acadêmicos dos intercâmbios internacionais e as suas formas de financiamento, a montagem de projetos de pesquisa e pós-graduação conjuntos, além das parcerias internacionais em projetos de extensão universitária.

A conferência de abertura ficará a cargo do Secretário Executivo da CPLP, Embaixador Murade Isaac Miguigy Murargy.

O evento integra o calendário anual da Associação das Universidades de Língua Portuguesa que, desde 1986, promove a colaboração multilateral entre as instituições de ensino superior dos Países de Língua Oficial Portuguesa e que trabalha para consolidar laços e ações conjuntas entre os seus membros.



No XXIII Encontro da AULP já estão inscritos mais de 400 participantes de 200 instituições de ensino superior do espaço da

Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa e da Região Administrativa Especial de Macau.

PARTICIPAÇÃO DA AULP NA NAFSA 2013

A Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) participou na maior feira de educação dos Estados Unidos NAFSA 2013

A AULP participou na 65ª Conferência e Exposição Anual em St. Louis, Missouri, nos Estados Unidos da América, que decorreu de 26 a 31 de maio, com o tema: «*Ideals and Impact in International Education*».

A Association of International Educators (NAFSA) é a maior associação profissional sem fins lucrativos do mundo, dedicada à educação internacional e ao intercâmbio, que já promove uma sólida construção de conhecimentos e saberes mútuos entre as nações. A NAFSA foi criada em 1948 e conta com cerca de 10 mil membros, oferecendo uma ampla gama de ações internacionais de educação.



A iniciativa tem fortalecido o debate público sobre o valor e a importância da educação internacional, apoiando o avanço das políticas públicas para uma formação profissional mais rica e global. Figuras como Kofi Annan, ex-Secretário-Geral das Nações Unidas e vencedor do Prêmio Nobel da Paz, Oscar Arias, duas vezes Presidente da Costa Rica e Prêmio Nobel da Paz, Dr. Alfredo Quiñones-Hinojosa, neuro-cirurgião de

renome internacional, Rye Barcott, fundador da Carolina para Kibera, ativista da paz, e ex-fuzileiro naval entre outras figuras de renome internacional estiveram presentes este ano no evento.

Pelo segundo ano consecutivo, Portugal participou com um novo espaço de representação das entidades portuguesas, tendo como objetivo promover as suas valências e mais-valias, visando assim aumentar o número de alunos norte-americanos que escolhem Portugal como destino de formação.

A concretização desta missão dá continuidade ao trabalho iniciado já em 2011 pelo programa "Study in Portugal", uma iniciativa coordenada pela Fundação Luso-Americana (FLAD), em parceria com o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), a Comissão Fulbright Portugal, o Turismo de Portugal, a Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), a Embaixada dos EUA em Portugal e também algumas Câmaras Municipais.

Depois do sucesso da estreia nacional na edição de 2012, a AULP participou este ano com um novo espaço de representação dos seus membros com o objetivo de fortalecer a língua portuguesa. A AULP, sendo uma organização internacional constituída por universidades e Instituições de Ensino e Investigação de nível Superior dos sete países de língua oficial portuguesa e Macau, divulgou as inúmeras ações de incremento do intercâmbio de investigadores e estudantes e ainda de desenvolvimento de projetos conjuntos de investigação científica e tecnológica.

Moçambique, também esteve representado com a Universidade Lúrio que promoveu os seus cursos e garantiu a



internacionalização da instituição no âmbito de intercâmbio estudantil, de docentes e trabalhos científicos.

No total foram 22 as entidades que se fizeram representar - entre universidades, faculdades, centros de investigação e parceiros institucionais -, no pavilhão "Study in Portugal".

Esta participação na NAFSA ganha particular relevância no contexto dos

números divulgados no último relatório Open Doors – um relatório anual sobre mobilidade académica internacional publicado pelo Institute of International Education (IIE) que revela um aumento de 47 por cento do número de estudantes americanos em Portugal no ano letivo de 2010/2011, subindo de 198 para 291.

AULP ASSINA PROTOCOLO COM A ESCS-IPL

Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) assinou um protocolo de cooperação com a Escola Superior de Comunicação Social (ESCS). No âmbito deste protocolo está prevista a concretização de um plano de estágios profissionais. A AULP irá proporcionar aos estudantes ou recém-licenciados da ESCS a execução de tarefas nas áreas da comunicação, relações públicas, assessoria de imprensa, eventos, jornalismo de empresa, marketing, planeamento estratégico e *webmarketing*.

Estagiar numa associação de prestígio Na opinião do Presidente da ESCS, Prof. Doutor Jorge Veríssimo, "esta parceria é ótima para os nossos alunos. É mais um entre os vários protocolos que a ESCS tem assinado para que os nossos alunos venham a fazer estágios e formação". Tendo em conta que a AULP tem como associadas várias instituições de ensino superior, a escolha dos alunos da ESCS para trabalhar na sua área da comunicação "demonstra a importância que a Escola está a ter neste momento, em termos da escolha de entidades que nos contactam para realizar protocolos e para ter estagiários nossos", disse o Presidente da ESCS.

A AULP procura com esta parceria "uma maior proximidade da academia ao mundo empresarial" e a oportunidade de "desenvolver projetos com alunos da área académica da comunicação, uma vez que a ESCS é uma Escola de referência nacional e internacional", disse a Dr.^a Teresa Botelho, secretária-executiva da AULP. Esta é uma mais-valia para os alunos que têm a oportunidade de aplicar os conhecimentos que aprenderam na Escola e uma porta para entrarem no mercado de trabalho. "É um fator de motivação poderem estagiar num local prestigiante como a AULP. Para a Escola, é muito gratificante ter sido contactada pela Associação, na pessoa da Dr.^a Teresa Botelho, para a assinatura deste protocolo", concluiu o Presidente da ESCS.



VOX POP: INTERNACIONALIZAÇÃO

A AULP saiu à rua para saber a opinião dos estudantes:

1 - Planeia ter alguma experiência académica no estrangeiro?

2 - Para que País?



Aléxia Marina, 19 anos
Universidade Federal do Ceará/Brasil.

1 - Sim, gostava de ter experiências académicas no estrangeiro, principalmente em Inglaterra ou França, que são dois países que admiro bastante.

2 - Infelizmente, não terei a oportunidade de fazer uma Graduação Sanduíche, pois já estou ingressando no 6º semestre do curso de Publicidade e Propaganda. No entanto, procurarei especializar-me em fotografia publicitária assim que me graduar, fazendo o mestrado num dos países citados anteriormente, através das bolsas oferecidas pela faculdade.



Mariana Lopes, 22 anos
Gestão de Produtos Turísticos, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

1 - Eu estou a pensar acabar a licenciatura aqui e depois ir trabalhar para um hostel lá fora durante uns anos. Depois,

quem sabe, tirar outro curso, uma pós-graduação ou mestrado. Acho importante uma experiência no estrangeiro, porque traz bastantes vantagens em termos curriculares. Mostra que nos adaptamos com facilidade a diferentes circunstâncias, pessoas e línguas, e ganha-se bastante experiência de vida.



Jefferson, 31 anos
Universidade Federal Fluminense (Rio de Janeiro), em estágio de pós-doutoramento na

FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

1 - Eu estou em estágio de doutoramento fora do meu país. Mas gostaria ainda de ter mais experiências académicas fora do Brasil. 2 - Depois de Portugal gostaria de ir para países da América Latina, como Colômbia.



Pedro Cruz, 21 anos
Universidade Nova de Lisboa - FCSH

1 - Estou a terminar a licenciatura. Não fiz Erasmus,

mas se surgir uma oportunidade durante o mestrado gostaria de o fazer dependendo dos programas que houver.

2 - Gostava de um país onde não tivesse problemas com a língua, como Espanha, Brasil ou Itália.





Raquel Rocha, 20 anos
Direito, Faculdade de
Direito da Universidade
de Lisboa.

1 - Sim, gostava de realizar uma experiência

académica por achar que enriquece qualquer estudante a vários níveis. Como frequento o 1º ano de Direito, só poderei concretizar mais tarde.

2 - No entanto, gostaria que fosse em Itália, mais concretamente em Milão.



Diana Ferreira, 28
anos
Comunicação Aplicada:
Marketing,
Publicidade e Relações
Públicas, Universidade

Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

1 - Ainda não consigo planear nenhuma experiência académica no estrangeiro devido a fatores monetários, mas gostaria de realizar.

2 - Os países que escolheria seriam talvez o Brasil ou a Austrália. O Brasil porque sei que é muito bom a nível de comunicação e propaganda, e o meu curso é de Marketing, Publicidade e Relações Públicas. Seria, portanto, interessante explorar outras ideias sobre a área. A Austrália porque parece-me um país interessante, além de que já ouvi muitas críticas favoráveis sobre o ensino e as faculdades.



Inês Ambrósio, 22 anos
Mestrado em Design,
Universidade de Évora.

1 - Eu já tive uma experiência académica fora do país através do

programa Erasmus. Considero importantes os estudantes terem essas experiências para adquirirem mais conhecimento, tanto a nível

cultural como académico. Além de que, estarem longe de casa, têm de lidar com situações nunca antes passadas e isso contribui para o nosso amadurecimento.

Rafael Muchaxo, 21 anos
Reabilitação Psicomotora, Faculdade de
Motricidade Humana.



1 - Penso fazer alguma formação académica, como um mestrado, e ganhar experiência profissional na área

através de voluntariados ou estágios. Considero bastante importante uma formação que abarque várias perspetivas, mesmo relacionando-se com a mesma área.

2 - Neste momento encontro-me bastante recetivo a qualquer país da UE que me dê condições para realizar estes objetivos. Claro que tenho preferências como a Dinamarca ou a Noruega, mas se houvesse alguma instituição que me aceitasse como estagiário, na Alemanha ou na Áustria, também aceitaria. Necessito de algum tipo de ajuda financeira, por exemplo bolsas ou estágios remunerados, para conseguir aquilo que pretendo. Não tenho capacidade financeira para me sustentar sozinho fora de Portugal.

PRIMEIRA PARTICIPAÇÃO DA AULP NA VII REUNIÃO DE OBSERVADORES CONSULTIVOS E SECRETARIADO EXECUTIVO DA CPLP

A Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), o Instituto Internacional de Macau (IIM) e o Observatório da Língua Portuguesa (OLP), vão integrar a Comissão Temática de Promoção e Difusão da Língua Portuguesa.

Na reunião de dia 26 de junho vão ser conhecidos os novos Observadores Consultivos (OC) e as atividades previstas no

Artigo 15º do Regulamento dos OC da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, cujos objetivos prioritários são o debate e troca de experiências sobre temas da sua competência com vista à identificação e partilha de boas práticas e a identificação, formulação, procura de financiamento e implementação de projetos comuns.

RELATÓRIO: «POLICY CHALLENGES FOR THE PORTUGUESE POLYTECHNIC SECTOR» E PROPOSTAS DO CCISP PARA O FUTURO DO ENSINO SUPERIOR POLITÉCNICO



Foi apresentado, no auditório do Conselho Nacional de Educação, o relatório «Policy Challenges for the Portuguese Polytechnic Sector» do Center for Higher Education Policy Studies (CHEPS) – Universidade de Twente. Com o presente relatório pretende-se clarificar e potenciar o papel das instituições públicas de ensino politécnico no sistema de ensino superior português, tendo como ponto de partida algumas áreas de interesse identificadas pelo CCISP.

O estudo faz uma breve análise comparativa às práticas internacionais, designadamente, quanto ao modo de financiamento, de governo, de regulação e de enquadramento ao nível dos vários sistemas

de ensino superior analisados, apontando, igualmente, as tendências do ensino superior desses mesmos países.

Na mesma ocasião, foi ainda apresentado pelo Presidente do CCISP, Professor Doutor Joaquim Mourato, um memorando no qual se encontram elencadas as propostas deste Conselho Coordenador para o futuro do ensino superior politécnico português.

Para o CCISP, a proposta do Ministério da Educação de reduzir o número de vagas no próximo ano letivo «coloca em causa o futuro do Ensino Superior Politécnico», sobretudo o das «instituições do interior do país».

Essa mesma proposta «não atende à existência do sistema binário», uma vez que «impede o seu desenvolvimento» e «nem concretiza os princípios de especialização e de diferenciação de oferta formativa». A este propósito, os presidentes dos politécnicos questionam o Ministério da Educação sobre «os critérios que terão presidido à criação das sub-regiões», isto é, a divisão da rede de Ensino Superior em nove áreas.



NOVOS HORIZONTES PARA A LÍNGUA PORTUGUESA



Fonte: AULP, 2013-06-04

Embaixador Eugénio Anacoreta Correia
Presidente do Conselho de Administração
do Observatório da Língua Portuguesa

Portugal vai acolher em finais de Outubro a *II Conferência Internacional sobre a Língua Portuguesa no Sistema Mundial*, cumprindo assim um compromisso assumido em Brasília durante a VI Reunião Extraordinária do Conselho de Ministros da CPLP que ali teve lugar a 31 de Março de 2010.

Entre outras questões, a *Conferência* vai debater propostas visando uma mais destacada presença da nossa língua no panorama científico mundial.

Trata-se de uma matéria que tem tanto de atual como de relevante para uma desejada maior afirmação internacional do Português, uma vez que, como definiu Vítor Aguiar e Silva, “a importância, o prestígio, a força e a difusão de uma língua dependem da dimensão demográfica, do peso geoestratégico, do desenvolvimento económico e do dinamismo cultural, científico e tecnológico dos países que a falam e a escrevem”.

A generalização da ideia de que “o inglês é a língua da ciência” induz investigadores e centros de pesquisa a privilegiarem a comunicação dos sucessos das suas descobertas e progressos naquele idioma, em desfavor do seu próprio. Idêntica razão motiva número crescente de instituições de ensino superior, em todo o mundo, a lecionarem cursos e a acolherem provas de graduação também em inglês, no intuito de patentear o carácter internacional do seu labor académico.

Este é, pois, um domínio onde é forçoso definir políticas inspiradoras de atuações concertadas que assegurem que o Português (que atualmente ocupa a 13ª posição mundial em número de citações, documentos editados ou na referência de publicações científicas) alcance um patamar de reconhecimento mais consentâneo com a efetiva importância do contributo que em domínios tão diversos como a medicina, a engenharia, a agricultura, etc., é dado pelos seus cidadãos na busca de saberes e competências que concorram para um futuro com melhores níveis de bem-estar.

Numerosos e diversificados indicadores estatísticos posicionam a Língua Portuguesa como uma das cinco mais faladas em todo o mundo, assegurando-lhe um potencial de crescimento que deverá acentuar o seu poder e influência até ao final deste século.

Três fatores principais convergem nessa promissora consideração: a demografia, a economia e a cultura.

Por um lado, as projeções demográficas estimam que em 2100 o número de falantes do Português se cifre em cerca de 350 milhões, ou seja, mais 100 milhões que presentemente. Esse aumento ocorrerá no Hemisfério Sul, onde a nossa língua,



ultrapassando o inglês, já é hoje a mais utilizada.

Em segundo lugar, os países da CPLP verão aumentar significativamente o seu peso no comércio mundial, com positiva repercussão nas respetivas economias e Índices de Desenvolvimento Humano.

A importância do universo de Língua Portuguesa será significativamente potenciada pela exploração dos recursos marinhos (energia, produção de alimentos, turismo, etc.) resultante da previsível extensão das plataformas continentais para 300 milhas. Portugal terá o “maior mar” da Europa e o Atlântico contará com a presença de seis de Estados membros da CPLP.

As oportunidades de progresso económico, científico e tecnológico daí decorrente são muito auspiciosas. No domínio energético, por exemplo, a produção “offshore” de energia eólica somar-se-á à exploração de petróleo e gás de Angola e Brasil que, juntamente com Moçambique, representam metade das descobertas mundiais entre 2005 e 2012.

Finalmente, o fator cultural (entendido numa perspetiva alargada e abrangente) representará uma terceira razão de aumento da projeção da Língua Portuguesa.

A par da significativa atração suscitada por testemunhos históricos de matriz portuguesa classificados pela UNESCO como

património material e imaterial da Humanidade, são crescentes as razões de evidência em outros domínios como a engenharia, a literatura, a medicina, a arquitetura, as artes plásticas, etc., onde personalidades originárias de países lusófonos frequentemente recebem as mais altas consagrações mundiais.

Neste contexto, uma mais consistente e empenhada promoção e difusão da Língua Portuguesa no universo científico internacional concorrerá determinantemente para o reforço da importância do nosso idioma e para o seu mais significativo reconhecimento como língua estratégica de comunicação global.

O papel reservado à Universidade em tal desafio é incontornável, uma vez que é sua missão essencial, a investigação, a criação e difusão da cultura e a formação de profissionais habilitados a explorar as oportunidades abertas pelos avanços da ciência e da técnica.

Assume, por isso, a maior relevância o contributo da AULP e das instituições de ensino superior que a integram na *II Conferência Internacional sobre a Língua Portuguesa no Sistema Mundial* tanto na definição como na implementação de políticas e medidas que visem uma mais alargada e consistente afirmação da nossa língua.

INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA



Fonte: AULP, 2013-06-04

Nilma Lino Gomes

Reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Sabemos que a construção de qualquer projeto universitário é marcada por embates teóricos e opções políticas inerentes aos processos sociais. Todavia, se construirmos um projeto institucional alicerçado no caráter internacional que orienta a própria criação da UNILAB, conseguiremos ir além e seremos profissionais da garantia de uma universidade pública, comprometida com o público e com uma conceção de cooperação Sul-Sul, com vistas à emancipação social.



No caso da UNILAB, soma-se uma característica que é inerente a sua criação: realizar um trabalho de ensino, pesquisa e extensão, na perspectiva da cooperação internacional, atuando com coletivos sociais, étnicos, raciais diversos, muitos dos quais marcados por experiências sociais e políticas de desigualdades e discriminação no Brasil e nos seus países de origem. Acredito que a UNILAB, sensível e comprometida com essa tensa e complexa realidade socio-racial, se consolidará como um centro de pesquisa, de produção teórica, de formação tecnológica, de conhecimentos e de cultura para intervir democraticamente nos processos de desenvolvimento econômico e social que garantam o direito à saúde, educação, moradia, produção de alimentos, soberania alimentar, entre outros, tão necessários quando pensamos em cooperação solidária e desenvolvimento, pautados na justiça social. Um centro de excelência que não tenha medo de ter como meta do seu projeto institucional a articulação entre excelência acadêmica e equidade.

Assumo a reitoria consciente da tarefa de construção de uma relação dialógica entre docentes, discentes e técnico-administrativos, da elaboração do regimento e do Plano de Desenvolvimento Institucional, assim como da sua articulação com a rede de universidades públicas brasileiras, africanas e de outros países, sobretudo, aquelas que se colocam no contexto da cooperação Sul-Sul.

Consolidar tal projeto institucional na UNILAB nacional e internacionalmente exigirá também a articulação com a diversidade de centros, instituições de pesquisa, Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, Africanos, Asiáticos e Europeus com os quais a cooperação solidária tem sido estabelecida e, certamente, irá se afirmar. Para tal, um dos desafios que se coloca à UNILAB será mapear quais políticas, quais conhecimentos, quais projetos políticos e acadêmicos têm sido desenvolvidos nos

países envolvidos com a sua proposta a fim de ampliar as articulações e convênios necessários para a construção da emancipação social.

Merecerá especial atenção, nesse processo, a construção de pesquisas e projetos que visem o mapeamento e a análise das políticas de Ações Afirmativas dos coletivos sociais, étnicos e raciais na garantia de suas lutas pela igualdade de direitos a educação básica e superior e a educação técnico-profissional. Assim como as lutas e políticas afirmativas que visem a garantia do direito ao trabalho, renda, saúde, terra e educação. Como essas lutas se articulam ou se diferenciam quando comparadas aos outros contextos dos países que fazem parte da cooperação Sul-Sul que originou o projeto da UNILAB? Como os estudantes africanos, brasileiros, timorenses, portugueses e dos demais países compreendem e/ou vivenciam tais processos de lutas?

Esse contexto histórico de lutas por emancipação social, de promoção da igualdade racial e superação do racismo, no Brasil, exige que a UNILAB se afirme como um forte diferencial no contexto das Instituições Públicas de Ensino Superior: além do seu caráter internacional e de cooperação solidária Sul-Sul, ela deverá se afirmar como parte integrante de uma política de reconhecimento e identidade. Como? Nas suas relações institucionais, na inovação curricular, na relação entre o conhecimento científico e tecnológico e os conhecimentos tradicionais, no acompanhamento acadêmico de seus estudantes compreendendo como a partir de referenciais culturais distintos se constrói conhecimentos, na própria concepção emancipatória de desenvolvimento que não repita ações neocoloniais. Enfim, nos dizeres de Boaventura de Sousa Santos, que se configure como uma outra universidade, inserida no século XXI.



ENTREVISTA A JOÃO REDONDO, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO (APESP)



AULP – Qual a situação atual do ensino superior privado?

João Redondo

– Penso que apesar de tudo, ainda é melhor do que a situação geral do País, apesar de não ser aquilo que todos

nós pretendíamos que fosse: um setor pujante, em crescimento, em grande desenvolvimento. Mesmo assim, apesar das dificuldades e da retração que tem havido em todas as instituições, é um setor que se tem consolidado, com a devida sustentação. O número de instituições que hoje existe - desde universidades, institutos politécnicos, escolas não integradas, escolas de educação e enfermagem, enfim, instituições muito diferenciadas no seu modelo -, conta com cerca de 90 mil estudantes e mais de 9 mil colaboradores entre docentes, funcionários e administrativos. É um setor com uma importância determinante no ensino superior do país.

As instituições têm-se ajustado, quer no seu modelo de funcionamento, quer no tipo de oferta, quer no que respeita aos custos e condições sociais para os estudantes, conseguindo ajudá-los a superar as suas dificuldades. O sistema mantém-se com robustez e espero que esse sinal se mantenha no futuro e seja aproveitado em ações de otimização na gestão dos processos educativos, através de parcerias e fusões.

Hoje em dia, provavelmente, uma instituição que não seja sustentável isoladamente, pode tornar-se numa

instituição forte se funcionar em conjugação com outras instituições, que podem ser nacionais, estrangeiras, públicas ou privadas. São movimentos que estão a ocorrer, que vão fortalecer-las num momento de crise. São dificuldades que afinal vão levar as instituições a procurarem novas formas de reforço, novos desafios e atitudes para um caminho melhor. Acho que o momento atual exige a criação de mais oportunidades. Todos os sectores têm que ver nas dificuldades novas oportunidades. O tempo que vivemos exige que nos esforcemos mais, que sejamos mais criativos e que tenhamos a noção de que é necessário conjugarmos o espírito de sacrifício com trabalho. Temos que trabalhar mais, sermos mais produtivos, sermos mais interativos com os problemas da sociedade, em todos os setores de atividade. Temos de ter mais capacidade de compreensão e de resposta, e melhorarmos os nossos índices de produtividade. Isso também se aprende nas universidades e nos Institutos. Temos que criar as nossas próprias condições e desenvolvermos os nossos próprios projetos.

As instituições precisam de criar condições estruturantes para que os estudantes possam desenvolver dentro das universidades os seus próprios projetos, as suas ideias de trabalho e de negócio, mesmo que não ganhem nada no começo. Isso serve para todas as áreas, desde o Direito, à Economia, ao Marketing, às engenharias, à Motricidade Humana e/ou Música.

AULP- Quais são os planos atuais para fortalecer o ensino superior privado?

JR - O sector privado não funciona isoladamente. A velha ideia de uma escola pública contra uma privada é uma ideia descabida. Muitas instituições do sistema de



ensino superior perceberam transformações importantes nos seus modelos de gestão, funcionamento, no seu tipo de oferta, na sua capacidade de internacionalização, conjugadas com instituições estrangeiras.

A AULP vai discutir questões como essas, agora em junho, no encontro no Brasil. Em todos os sentidos as diferenças também representam a riqueza e a busca permanente de uma sociedade. Os países que integram as comunidades de língua portuguesa têm as suas características particulares. São todos países com características únicas e fantásticas, e portanto, devíamos ser capazes de atrair muitos estrangeiros a estudarem cá. Designadamente aqui em Portugal, ainda não temos uma capacidade plena estrutural à semelhança de muitos países nórdicos, que atraem tantos alunos de fora e que têm uma língua que poucos estrangeiros falam. Do nosso lado, temos a língua portuguesa, uma das línguas mais faladas do mundo, um clima fantástico, com segurança, com boas escolas, boas universidades e não temos ainda a organização suficiente entre nossas instituições, para nos tornarmos um polo suficientemente atrativo. Esse é um aspeto que temos de trabalhar seguramente porque temos uma riqueza enorme nas nossas mãos, que é a ligação entre esses vários países e a diferenciação que nos pode tornar atrativos para estudantes europeus em número que seja comparado ao de outros países europeus. Falta trabalhar essa questão, que é a relação desta rede de ensino, com qualidade, à escala mundial, que será condutora de desenvolvimento.

AULP - Com as situações que ocorreram com a Universidade Lusófona, Independente ou Moderna como se encontra o sistema educativo superior privado?

JR - O recente “caso” da Lusófona não põe de modo algum em questão a qualidade do processo educativo da própria Universidade, nem pode ser confundido com os casos da Independente e antes disso, da Moderna. Não é por aí que se faz o retrato do nosso ensino superior particular. O nosso retrato é aquele que se vê nas instituições que duram há 20,

30, 50 anos, 60 anos, que são referência no sector. Muitas dessas escolas têm índices de desempenho absolutamente fantásticos. Foram criadoras de novas profissões e pioneiras no modelo de organização, de gestão, muitas vezes, copiados como modelo pelo próprio ensino público. Mas às vezes isso não interessa, não vende. O que interessa é o que vende, é o escândalo. Há aqui uma má comunicação pela imprensa em relação ao ensino privado, no que se refere ao que realmente marca este sistema. Evidentemente, o que ocorreu é marcante, mas não define a qualidade do sistema. Muita gente boa e competente foi comprometida por causa de meia dúzia de pessoas. Esses processos ocorrem porque foram determinadas pessoas com determinados perfis nessas instituições que agiram negativamente. Mas nestes processos já puxaram a responsabilidade para essas pessoas.

O destaque deveria ser feito a muitas das nossas instituições com bons graus, boas pesquisas, linhas de investigação importantes, doutoramentos brilhantes. É isso que deve marcar a centena de milhares de pessoas que passaram pelo ensino privado, com desempenho excelente, e que hoje têm grande destaque em lugares e cargos de importância social, desde magistrados, administradores, engenheiros, que se destacam e oferecem grande contribuição ao desenvolvimento do nosso país. Muitas dessas pessoas foram formadas por instituições privadas. Portanto, esse contributo de oferecer ao país a qualidade da sua formação revela que conseguimos obter uma formação de nível superior, de qualidade. Esse é o grande mérito das nossas instituições do ensino privado e é isso que deve ser registrado. Estamos a falar de 80 a 100 instituições, e de problemas que ocorreram em duas ou três instituições, que ocorreram por causa de meia dúzia de pessoas com determinado perfil, responsáveis por aqueles processos e resultados negativos. O que marca é o facto de termos sido capazes de darmos tantas respostas positivas para a formação de tantos profissionais na sociedade.



AULP- Quais são as estratégias do ensino superior privado, dado ao número cada vez menor de entrada de alunos no ensino superior?

JR - É verdade. Cada vez mais tem havido um decréscimo substancial no número de alunos, mas continua haver um sistema com 90 mil estudantes. Um número que revela que o ensino superior privado tem um espaço próprio, com projetos próprios, com ofertas diferenciadas, que interessam a muitos para sua formação. Há vários fatores que podem diferenciar o ensino privado do ensino público, na capacidade atrativa de cada instituição. Não tenho dúvidas que do ponto de vista do método pedagógico, de ensino e investigação, as instituições têm tido excelente capacidade de acompanhamento e que podem desenvolver junto dos seus estudantes, com rigor, sem qualquer facilitismo. Apostamos seriamente na capacidade do ensino que nos deu um lastro positivo. Acredito que as instituições que oferecem qualidade diferenciada sejam capazes de reforçar sua posição no sistema de ensino superior. As que não apostem na qualidade não terão as mesmas condições. Penso que as instituições que hoje estão no sector têm essa capacidade de leitura e renovaram a sua posição no sistema de ensino superior, isso é uma evidência cada vez mais maior.

AULP - A entrada de alunos no ensino privado sem terem o ensino secundário concluído, é uma ação de captação dos mesmos?

JR - Essa é uma realidade que se passa no público numa frequência muito maior. Esse modelo não é exclusivo do ensino privado, foi

aproveitado antes pelas escolas do ensino estatal.

AULP - Há diferença na qualidade da formação de um aluno do ensino superior privado e de um aluno do ensino público?

JR - Não é possível dizer, de modo genérico ou universal, quais são essas diferenças. Excelentes alunos, bons alunos, alunos médios e alunos medíocres, existem em todas as instituições, independentemente da sua natureza. Penso que é o ambiente criado em cada uma das instituições, e dentro destas em cada um dos seus cursos, que acaba por influenciar e definir o modelo/tipo de estudante. A qualidade da instituição define-se muito mais pela qualidade do estudante quando sai formado, do que quando entra para um determinado curso. E ainda assim, do mesmo curso e da mesma escola sairão sempre bons profissionais e profissionais menos bons. É tudo muito relativo. Estamos a falar do desempenho dos próprios alunos, que é muito variável e diferenciado.

Mas se a ideia é discutir diferenças entre privadas e públicas, dir-lhe-ei que a questão não pode ser posta assim. Nem todas as Universidades públicas são iguais entre si e oferecem os mesmos índices de desempenho, como nem todas as Universidades privadas são iguais entre si e oferecem os mesmos índices de desempenho. Dentro da mesma Universidade encontraremos, seguramente, cursos mais fortes do que outros. Há cursos de Universidades privadas melhores do que cursos de universidades públicas e vice-versa. Sendo certo, no entanto, que todos os cursos acreditados no sistema de ensino superior, sejam públicos ou privados, cumprem os requisitos de qualidade exigidos legalmente e socialmente.



A AULP ENTREVISTOU VÍTOR MOURA PINHEIRO, DIRETOR-EXECUTIVO DO PROGRAMA IMPULSO JOVEM



AULP - Poderia explicar-nos o que é o Programa Impulso Jovem?

Vítor Moura Pinheiro - O Programa Impulso Jovem foi criado

pelo Governo português para dar resposta à elevada taxa de desemprego entre os mais jovens. Numa realidade com uma taxa que ronda os 40% de desemprego entre os jovens de 18 a 30 anos, o programa vai auxiliar a empregabilidade. Essencialmente, faz esse apoio através de quatro caminhos: estágios profissionais, apoio à contratação, criação dos seus próprios negócios e apoio ao investimento empresarial. Todos esses caminhos auxiliam a empregabilidade dos jovens, que neste momento, são a geração mais qualificada de sempre.

AULP - De que forma o Programa pretende combater o desemprego? Quantas colocações já foram feitas até o momento?

VMP - O Programa vai além dos estágios. Tem cerca de 20 medidas ao todo e é muito abrangente. Além dos fundos comunitários, também temos fundos nacionais que, no total, se o Programa fosse aplicado na sua plenitude, são 932 milhões de euros, um valor bastante elevado para combater o desemprego jovem. Até agora temos cerca de 17 mil candidaturas em todas essas medidas e já temos mais de 10.000 jovens que já estão a ser beneficiados pelo Programa.

Daria uma nota exclusiva ao apoio à contratação que pretende diminuir os custos associados à contratação de jovens. Quando a empresa contrata, o Programa devolve a taxa social única à empresa. O Impulso Jovem só apoia empresas que contratem jovens e criem postos de trabalho. Pretende-se diferenciar o tipo de contratação. Isto é, se contratarem sem termo, têm devolvida integralmente a taxa única, mas se

contratarem a termo, recebem apenas 75%. O que se verifica é que os jovens que têm beneficiado do programa, 40% estão contratados sem termo. Portanto, esse é um sinal positivo de que o mercado está a recrutar jovens, ao abrigo de uma medida social que implica a criação líquida de postos de trabalho.

AULP - A procura tem sido intensificada?

VMP - As medidas do Impulso Jovem não foram adotadas todas de uma só vez. Foram faseadas, tivemos que fazer um trabalho de adaptação. As primeiras medidas chegaram em agosto do ano passado. Outras foram desenvolvendo-se. O que achamos positivo é que este Programa está a ajudar de facto a empregabilidade, a criar uma cultura do exemplo, um efeito multiplicador do sucesso do mesmo. Também temos feito uma divulgação maior, criando notoriedade ao Programa. O número de visitas ao Portal tem aumentado significativamente.

AULP - O Instituto de Emprego e Formação Profissional orienta os jovens desempregados?

VMP - Quando o IEFP está a divulgar estas medidas está naturalmente a orientar os jovens que ainda não conseguiram entrar no mercado de trabalho. O IEFP pretende incentivar os jovens a terem um papel mais ativo na procura de emprego.

AULP - Existe alguma estratégia de divulgação do Programa no mercado empresarial?

VMP - Sim, nós divulgamos às entidades empregadoras, como as empresas, misericórdias e outras IPSS, as associações juvenis e desportivos, autarquias. Muitas vezes as entidades empregadoras precisam das mais-valias dos jovens, mas não têm consciência dessa necessidade. Refiro-me por exemplo às competências nas línguas ou mesmo nas novas tecnologias. Pode haver



aqui de facto uma dinâmica em que o jovem possa trazer valor acrescentado e até uma mudança na entidade patronal.

AULP - Qual o balanço que faz das ações de empreendedorismo?

VMP – O balanço que se faz é muito positivo. A medida passaporte para o empreendedorismo que traz a partir de uma ação muito simples, que é preencher um formulário eletrónico, um apoio ao jovem que tenha uma ideia inovadora, com potencial de crescimento e que responda a uma necessidade de mercado. Os jovens podem registar as suas ideias que se forem aprovadas recebem uma bolsa correspondem a 691,81 euros. Muitas vezes os jovens querem criar uma empresa e não possuem meios de subsistência, apoio e orientação. Depois, durante quatro meses, vão desenvolver a ideia, ou seja, o plano de negócios. Já vimos que a ideia tem potencial e então vamos para a fase do seu desenvolvimento prático. Se de facto, o negócio for aprovado, ele pode ter direito à segunda fase desta bolsa, por mais oito meses, com acesso a uma rede de mentores, assistência técnica e outros incentivos que os podem ajudar a desenvolver a sua ideia. Há projetos que foram aprovados com um dinamismo muito interessante, e vemos que temos aqui jovens com muito potencial e que estas ferramentas ajudam nessa ação.

AULP - Qual a taxa de empregabilidade do Programa após terminar o estágio?

VMP – A maior parte dos estágios não terminou ainda, ou seja, porque todos os estágios tem a duração de 12 meses e ainda não temos o balanço final. Neste momento, o IEFP fez um estudo recente sobre a empregabilidade dos jovens que tinham feito os seus estágios e verificou que 67,5% dos jovens, ao final dos três meses, ficaram empregados nas empresas, o que me parece uma taxa interessante, numa realidade em que a economia tem estado recessiva. Antes, essa taxa chegou a rondar os 80%, um estudo feito nos anos 2003/2004.

AULP - O que sugere aos jovens que estão em busca de emprego?

VMP – O que sugiro é que os jovens avaliem bem a sua estratégia de procura ativa de emprego. Hoje em dia, os empresários que conversamos falam muito sobre isso. Os jovens estão demasiadamente refugiados atrás dos ecrãs dos computadores e de facto, não aparecem nas empresas. As empresas dizem que gostam que os jovens apareçam nas empresas e digam qual a sua valia para o desempenho de determinada empresa. É importante que os jovens possam fazer uma abordagem melhor, informando-se antes sobre a empresa, quem é a pessoa responsável pelo sector de Recursos Humanos, o que a empresa faz e como ela se posiciona no mercado. Ter mais cuidados, com currículos diferenciados, que revelem de facto o seu potencial para a empresa. O jovem deve, em suma, apresentar a sua “proposta de valor acrescentado à empresa” e, neste contexto, poder utilizar as ferramentas de apoio à empregabilidade – como o Impulso jovem - para esse fim.

Deve-se primeiro informar, selecionar um leque de empresas e agir desta forma, numa estratégia de espaço e de tempo. Isto implica quase que elaborar uma estratégia de ataque ao desemprego. É importante que os jovens possam fazer uma abordagem adequada à empresa. É importante que, depois de conseguir o estágio ou o emprego, ter uma atitude empreendedora todos os dias, fazer mais que o necessário, fazer o melhor, apresentar propostas e soluções aos problemas enfrentados pelas empresas, aos empresários. É assim que as economias crescem. O Programa pode ajudar a quebrar alguns mitos e estigmas que existem no mercado.

O jovem estagiário, por exemplo, deve pensar no seu valor, na sua missão dentro da empresa, numa ação empreendedora todos os dias, quebrando o estigma do estagiário como alguém que está a aprender, que tem pouco ou nenhum valor e que tem pouco potencial, mostrando às empresas que o estágio pode ter um resultado completamente diferente do que se sabe hoje, e mostrar mais-valia para os dois lados.



REVISTA INTERNACIONAL EM LÍNGUA PORTUGUESA (RILP) DEBATE SEGURANÇA ALIMENTAR

Uma coletânea de artigos sobre os desafios enfrentados e as soluções encontradas em torno da Segurança Alimentar e Nutricional, uma problemática social, que afeta, de diferentes formas, países do espaço lusófono marca a nova edição da RILP. A publicação anual será apresentada no XXIII Encontro da AULP, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Através de estudos e análises, pesquisadores revelam a realidade atual vivenciada por comunidades em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, bem como estratégias adotadas. A edição oferece ao público acadêmico e em geral, uma

ampla reflexão sobre a questão da segurança alimentar e nutricional em suas mais diversas dimensões económicas, sociais e culturais, para além da disponibilidade de alimentos.

A apresentação ficou a cargo do Embaixador Murade Isaac Murargy, Secretário Executivo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que sob o estímulo da FAO, resolveu avançar na elaboração de uma Estratégia de Segurança Alimentar e Nutricional (ESAN-CPLP).

CAPES DIVULGA RESULTADO DE EDITAL DO PROGRAMA PRÓ- MOBILIDADE INTERNACIONAL

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) divulgou, no dia 20 de maio, o resultado do edital para seleção de projetos para o Programa Pró-Mobilidade Internacional nas diversas áreas do conhecimento. Foram aprovados 45 projetos com objetivo de incentivar a mobilidade docente e discente internacional entre os países e as instituições membros da

Associação de Universidades de Língua Portuguesa (AULP).

O Programa Internacional de Apoio à Pesquisa e ao Ensino por meio da Mobilidade Docente e Discente Internacional (Pró-Mobilidade Internacional) destina-se à estruturação, fortalecimento e internacionalização dos Programas de Graduação, Pesquisa e Pós-Graduação.



CAPES/AULP ABRE NOVO PROCESSO SELETIVO PARA PRÓ-MOBILIDADE INTERNACIONAL

O Programa Internacional de Apoio à Pesquisa e ao Ensino por meio da Mobilidade Docente e Discente Internacional (Pró-Mobilidade Internacional) já iniciou o segundo processo seletivo, com nova fase de encaminhamento das propostas.

O Programa destina-se à estruturação, fortalecimento e internacionalização dos

Programas de Graduação, Pesquisa e Pós-Graduação das universidades da Associação das Universidades de Língua Portuguesa. A Capes apoiará, por meio de cada processo seletivo, até quarenta projetos.

Segundo processo seletivo:

FASE

Encaminhamento das propostas

Etapa I - Análise Técnica

Etapa II – Análise de Mérito

Etapa III – Homologação do Resultado

Pedidos de Recurso

PRAZOS

Até 28/12/2013

Até 15 (quinze) dias

Até 30 (trinta) dias

Até 15 (quinze) dias

Até 10 (dez) dias úteis

OPORTUNIDADES PROFISSIONAIS NO SITE DA AULP

A AULP oferece na sua plataforma digital ofertas de programas de estágios, bolsas de estudo e pesquisa, bem como oportunidades profissionais de instituições e centros de formação, ensino e extensão. Este é mais um meio de difusão de informação para a comunidade discente e docente das

universidades e politécnicos de Língua Oficial Portuguesa.

As ofertas podem ser encaminhadas para o Departamento de Comunicação da AULP, através do email comunicação@aulp.org.

Acompanhe-nos ao minuto e saiba tudo sobre as universidades/politécnicos membros da AULP.

PRÉMIO FERNÃO PINTO RECEBE CANDIDATURAS ATÉ 31 DE JULHO DE 2013

A AULP premeia todos os anos uma tese de mestrado ou doutoramento que seja reconhecida como uma contribuição significativa para a aproximação das comunidades de língua portuguesa, defendida no ano civil anterior.

As candidaturas para o Prémio Fernão Pinto 2013 estão abertas até ao próximo dia

31 de julho. As propostas devem ser apresentadas por Universidades ou Institutos de Investigação Científica de Países de Língua Oficial Portuguesa.

O autor premiado recebe um total de oito mil euros, ficando a publicação do trabalho a cargo do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua.